editorial

80 anos de crítica rosiana: revisões e prospecções

a João Adolfo Hansen,
in memoriam.

Sagarana, de João Guimarães Rosa, completa 80 anos neste 2026. A longevidade, no entanto, não tira o sabor de novidade e os comentários de admiração que o livro ainda desperta. Se no seu lançamento, em 1946, arrancou elogios da crítica especializada, alçando-o à condição de um novo clássico, ainda hoje continua a despertar interesse e novas leituras, mantendo-se como um campo aberto para novos leitores e leitoras.

Corpo de Baile (1956) foi lançado dez anos depois. Constituído por lunáticos, crianças, vaqueiros, facínoras e todo um elenco fascinante de marginalizados e donos-do-poder que dançavam pelo mesmo sertão do seu livro de estréia, compreendendo sete novelas: "Campo Geral", "Uma história de Amor", "Recado do Morro", "Cara-de-bronze", "Estória de Lélio e Lina", "Dão-Lalalão", "Buriti". Posteriormente, divididos em 3 volumes: *Manuelzão e Miguilim* ("Campo Geral" e "Uma Estória de Amor"); *No Urubuquaquá, no Pinhém* ("O Recado do Morro", "Cara-de-Bronze" e "A Estória de Lélio e Lina") e *Noites do Sertão* ("Dão-Lalalão (o Devente)" e "Buriti"). Narrativas que perseguem a mesma originalidade do homem do sertão mineiro, ou, do sertão rosiano, com suas intrínsecas paisagens.

Ainda em 1956, num esforço descomunal, Guimarães Rosa lançava o romance *Grande sertão: veredas,* que seria o oitavo conto de *Corpo de Baile*, mas que foi crescendo a ponto de se transformar em um "cetáceo" de quase 600 páginas. O problema a ser observado em *Grande sertão: veredas,* segundo Antonio Candido, consistia no: "dilaceramento de um homem tomado entre o bem e o mal, debatendo sem repouso a validade da sua conduta" (Candido, 2012, p. 9). E, que no plano formal, apresentava como traço fundamental o caráter inventivo: "[…] o jorro de imaginação criadora na linguagem, na composição, no enredo, na psicologia" e sustentado pela "absoluta confiança na liberdade de inventar" (Candido, 2012, p. 111).

A feição gigantesca do romance se estendia também para a fortuna crítica amealhada, que nos anos 2000, acumulava mais de 1.500 estudos acadêmicos apenas sobre *Grande sertão: veredas*, enquanto a obra inteira contabilizava cerca de 2.500 trabalhos nas mais variadas áreas do conhecimento (Bolle, 2004, p. 19). Hoje, 26 anos após este levantamento, seus números alcançaram patamares ainda mais impressionantes.

A presente edição da *Revista Opiniães* não podia deixar de prestar uma homenagem a este autor com uma reavaliação de sua obra. Para tal, nos detemos na fortuna crítica de Guimarães Rosa, resgatando as principais discussões entre os críticos da época. Simultaneamente, procuramos olhar para onde apontam os novos horizontes da crítica literária acerca da obra e do escritor de Cordisburgo.

Cinco artigos compõem o Dossiê desta edição, em que são analisadas obras de Rosa e da literatura contemporânea. Em "Guimarães Rosa e a leitura dialética de Antonio Candido", Rafael Rocha Pansica revê a crítica de Antonio Candido sobre a obra do autor. Das contribuições oferecidas pelo crítico ganham relevo a perspectiva da dialética regional-universal, a sócio-histórica e a metafísica. "Árvores que conduzem em "São Marcos", de Guimarães Rosa, e A árvore mais sozinha do mundo, de Mariana Carrara", Lucas de Souza focaliza a centralidade da natureza na construção do enredo destes contos,

com ênfase no papel das árvores como instâncias de orientação que conduzem o protagonista para fora de uma cegueira simultaneamente física e simbólica. “Oralidade, escrita e alteridade: ironia e produção da diferença em *Grande Sertão: Veredas*”, Renata Santos Rente retoma a análise do crítico João Adolfo Hansen (1942 - 2026), que destaca a relação entre oralidade e a escrita, o ângulo narrativo e a situação de diálogo entre o narrador sertanejo e o doutor da cidade, problematizando como esses procedimentos estéticos contribuem para uma leitura crítica da obra. E, por fim, “Sertanejos atormentados em busca de alívio: uma comparação entre o caipira Lau e o jagunço Riobaldo”, de Allan Marx de Morais Pereira, onde as relações literárias entre Guimarães Rosa e o escritor Valdomiro Silveira são revisitadas e ampliadas. Marcio Markendorf e Marthina de Alexandri Baldwin investigam como o documentário “Outro Sertão” (2013), de Adriana Jacobsen e Soraia Vilela, mobiliza materiais de arquivos. A análise demonstra que os materiais de arquivo são empregados não apenas como evidências históricas, mas também como elementos estruturantes da narrativa, tensionando as relações entre documento, memória e literatura.

Na seção Entrevista, contamos com a contribuição de nomes marcantes da crítica rosiana. Willi Bolle fala como se deu a apreciação e a circulação da literatura brasileira e da obra de Guimarães Rosa na Alemanha da sua juventude. O caráter exótico apontado pela crítica alemã sobre a obra de Rosa e ainda traça aproximações entre Walter Benjamin e o autor de Cordisburgo. Suzi Frankl Sperber fala como foi seu primeiro contato com a obra do autor; sua estadia na casa de Rosa para a sua pesquisa de doutoramento sob supervisão de Antonio Candido, e a convivência com Aracy Moebius de Carvalho. E como intercedeu junto à Aracy para que o acervo de Guimarães Rosa ficasse no Brasil. Claudia Campos Soares relata como foram seus primeiros contatos com a obra de Rosa e como suas pesquisas se desenvolveram na USP e discute novos rumos na leitura de Rosa em nossa contemporaneidade. Por sua vez, Marcel Vejmelka conversa sobre sua pesquisa intitulada “Grande Sertão: Veredas e Doutor Fausto em leitura dialógica”, projeto inicial que desenvolveu sobre o autor mineiro e como o apelo ao Fausto Sertanejo chamou a atenção da crítica alemã, e, assim, a recepção alemã da obra de Rosa é um dos pontos centrais desta conversa. E, ainda, Gustavo de Castro fala do cidadão Guimarães Rosa e como os avanços dos estudos arquivísticos tensionam a figura do autor. O biógrafo de Rosa fala também das novas leituras que se abrem para a obra do autor mineiro a partir de então.

Em Depoimentos, contamos com valorosos testemunhos de Donaldo Schüller, Eduardo César Maia Ferreira, Eduardo de Farias, Guilherme Mazzafera, Erico Coelho Melo e Kleyton Rattes. Ainda nesta seção, foi elaborada uma “Miscelânea IEB”, composta de depoimentos referentes ao Arquivo Guimarães Rosa do Instituto de Estudos Brasileiros (USP) e a sua importância. Recebemos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores que foram responsáveis por participar da montagem do arquivo de Rosa em diferentes estágios, como as professoras Sandra Guardini Vasconcelos (USP) e Mônica Gama (UFOP), O professor Daniel Reizinger Bonomo (UFMG), seguidos do pesquisador Guilherme Mazzafera Alves Vilhena.

O leitor encontrará na seção Documentos uma gama de textos que serão caros aos que pesquisam e se interessam pelo escritor de *Sagarana*. Tivemos o privilégio de reeditar dois textos de Günter W. Lorenz, personagem conhecido dentro dos estudos rosianos pela entrevista que Guimarães Rosa o concedeu em Gênova, em 1965. Os textos são: “Corpo de Baile” e “As garças e outros contos brasileiros", publicados originalmente pela *Revista Humboldt* nos anos de 1966 e 1968, respectivamente. Os textos contam com apresentação do professor Marcel Vejmelka, no qual procura desmistificar um pouco a figura do crítico para o público brasileiro. A *revista Humboldt* ainda gentilmente nos

possibilitou a republicação da famosa entrevista de Guimarães Rosa ao professor e jornalista Fernando Camacho, publicada inicialmente em 1978. A nova edição é acompanhada de uma valorosa apresentação do professor Gustavo Castro. Agradecemos imensamente à editora da *Humboldt*, Soraia Vilela, que tão prestativamente nos possibilitou reeditar tais textos. Por fim, ainda nesta seção, temos a alegria de anunciar a reedição de três textos do estimado professor Luiz Costa Lima. São eles: 1) "A expressão orgânica de um escritor moderno" (1957), publicado originalmente na afamada revista *Diálogo*, nº 8. Este é um dos primeiros artigos publicados por Costa Lima; 2) "O sertão e o mundo: termos da vida", que figura como terceiro capítulo de *Por que literatura* (1966), primeiro livro do autor, de dificílima circulação; e 3) "Guimarães Rosa: a comunicação do que vive" (1968), publicado inicialmente na *Vozes*: *revista de cultura*, v. 62, n. 2, p. 141-148, que traz germes das pesquisas realizadas em *A metamorfose do silêncio* (1974). Agradecemos ao professor Luiz pela possibilidade, e aos professores Thiago Loureiro (UERJ) e Aline Magalhães Pinto (UFMG), por terem mediado nosso contato.

O número conta, na seção *Criação Literária*, com dois textos, de Ismael Cardoso da Silva e Letícia Kuzuhara.

A seção *Resenhas* é composta pelos textos de Rodrigo Felipe Veloso, "A vida como narrativa: formação, memória e ficção em Jeferson Tenório", e Eduarda Cunha Gazen Manzke, "O micro e o macro das igrejas evangélicas em Mulher de Pouca Fé, de Simone Campos".

Em *Tema Livre*, contamos com os textos de Miguel de Medeiros Trindade, "O espaço das imagens e as imagens do espaço na cidade de Parque Industrial, de Pagu", Daniel Gonçalves de Souza, "Passado, presente e futuro: memória, violência e resistência em O som do rugido da onça de Micheliny Verunschk", Deividy Ferreira dos Santos, 'Entre dor, memória e resistência: a representação das dores da mulher negra na obra Olhos d'água, de Conceição Evaristo", e Carolina Cassese de Vasconcellos Serelle, "Espaços de desigualdade: representações do âmbito doméstico no romance Casa de família, de Paula Fábrio".

Por fim, a edição conta com os primorosos trabalhos da artista Graça Craidy, que gentilmente nos cedeu a permissão para utilizá-los em nossa edição. Ao final do número consta um ensaio visual com os trabalhos da artista.

Esperamos que o presente número encontre seus leitores e possa auxiliar nos estudos de literatura brasileira.

Os editores,

Ana Saggese
João Victor Pereira Araújo
Lucas Branco Araujo Motta